

**A “MORTE” NA DOUTRINA ESPÍRITA DE ALLAN KARDEC: UM
COMPARATIVO AOS INVARIANTES CULTURAIS PROPOSTOS POR MAURICE
GODELIER**

THE “DEATH” IN ALLAN KARDEC’S SPIRITISM DOCTRINE: A COMPARATIVE TO
THE CULTURAL INVARIANTS PROPOSED BY MAURICE GODELIER

Victor P. Aversa¹

Resumo: O objetivo desta pesquisa é investigar a morte na visão da doutrina espírita estruturada por Allan Kardec no século XIX, baseando-nos no sistema de “invariantes culturais” proposto por Maurice Godelier, sendo as “invariantes culturais” características comuns entre diferentes religiões, podendo aplicá-las a fim de obter uma melhor compreensão comparativa entre as tradições. Dessa forma buscamos, não só compreender a temática da morte na obra de Kardec, como também aplicar o modelo de “invariantes culturais” à uma religião que ainda não havia sido abordada a partir dessa ótica.

Palavras-chave: Morte; Espiritismo; Allan Kardec; Maurice Godelier.

Abstract: The objective of this research is to investigate death in the view of the spiritism doctrine structured by Allan Kardec on XIX century, based on the system of “cultural invariants” proposed by Maurice Godelier, being the “cultural invariants” characteristics common among different religions, be able to apply them in order to obtain a better comparative understanding between the traditions. In this way we seek not only to understand the theme of death in Kardec’s work, but also to apply the model of “cultural invariants” to a religion that had not yet been approached from this perspective.

Keywords: Death; Spiritism; Allan Kardec; Maurice Godelier.

1) Introdução

A obra intitulada “Sobre a Morte: invariantes culturais e práticas sociais” é uma compilação de estudos feitos por vários autores que versam sobre a morte em diferentes culturas do mundo, entre elas, a Grécia e a Roma antiga, os mundos judaico-cristão e o islã, países do oriente como a China e a Índia, entre outros. Seu idealizador e organizador é o

¹ Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP) – victor.aversa.cre@gmail.com

antropólogo francês Maurice GODELIER, que abre a obra com uma introdução de pouco mais de trinta páginas, onde apresenta os fatores que levaram à organização do livro e as linhas teóricas que impulsionam o estudo da morte neste contexto. Entre os motivos que deram origem à preocupação de se criar uma obra voltada para esse tipo de estudo, o principal deles teria vindo por meio de um pedido de alguns profissionais ligados à área da saúde.

Segundo GODELIER, no ano de 2011, alguns médicos e outros profissionais ligados a essa área fizeram a seguinte pergunta: “Vocês poderiam nos esclarecer sobre os modos como a morte é concebida e vivida em outras sociedades que não a nossa, ou como foi em outras épocas que não a nossa?” (GODELIER, 2017, p. 9). O motivo dessa pergunta estaria ligado à situação em que se encontra a “Morte” nos nossos dias, onde as pessoas vivem por mais tempo e muitas vezes falecem de forma solitária e em ambiente não muito acolhedor. Sobre a posição dos profissionais da saúde em relação a este fenômeno, GODELIER explica que:

Eis a razão da criação, nos hospitais, de departamentos de cuidados paliativos nos quais médicos e cuidadores empenham-se em ajudar as pessoas não a se curarem e viverem melhor, mas a morrerem melhor. Desde então, esses profissionais passaram a assumir funções que tradicionalmente pertenciam aos parentes próximos ou aos amigos do moribundo, e, se a pessoa professasse uma determinada religião, traziam à sua presença, de acordo com o caso, um padre católico que lhe administrava a extrema-unção, um padre ortodoxo que lhe administrava o Santo Sacramento ou representantes de outros credos. Diante dessas circunstâncias, o que médicos e cuidadores poderiam oferecer a uma pessoa no fim da vida, além de sua compaixão e suas atenções, uma vez que não são nem membros de sua família nem comprometidos com qualquer missão religiosa? (GODELIER, 2017, p. 10)

Sendo assim, surge a motivação para a compilação de uma obra em que a morte fosse abordada de maneira plural, isto é, a construção de uma obra onde fosse possível encontrar informações, não de todas, mas de muitas culturas de diferentes épocas e posições geográficas e de como essas culturas enxergavam e enxergam a morte e o morrer. Foram reunidas, então, quatorze contribuições, contando com a própria contribuição de GODELIER sobre a morte entre o povo Baruya. Entre os 14 estudos, diz GODELIER, que fora possível constatar uma mesma estrutura de perguntas em que os autores se debruçaram em suas respectivas escritas, sem nenhum tipo de combinação prévia entre si e sem que nenhuma sugestão lhes fosse feita antes de produzirem suas pesquisas (GODELIER, 2017, p. 11 – 12).

A partir dessa semelhança entre as diferentes pesquisas, GODELIER e seus colegas conseguiram distinguir as três principais constantes que se faziam presentes entre os 14 textos, e lhe atribuíram o nome de “invariantes”, como justifica o próprio autor ao dizer que

“invariantes são esquemas de pensamento aos quais se encontram associadas normas de conduta, práticas e instituições que prolongam esses esquemas e extraem deles seu sentido” (GODELIER, 2017, p. 13).

O primeiro invariante seria o de que a morte não é o fim da vida e de que morte e nascimento estão ligados um ao outro; o segundo invariante seria o de que a morte é o que disjunta os componentes que, unidos, dão a vida ao indivíduo; e, por fim, o terceiro invariante seria o de que, entre esses elementos separados pela morte, ao menos um é preservado e parte para uma nova forma de existência (GODELIER, 2017, p. 35).

Sobre a escolha da doutrina espírita como objeto de estudo comparativo ao sistema de invariantes culturais, podemos dizer que esta opção foi feita em função, primeiramente, de um destaque desta doutrina no que se refere, principalmente, ao terceiro invariante cultural, que é o de que “algo” no indivíduo perdura após a sua morte e parte em direção a uma nova existência.

Em segundo lugar, não menos ricos de semelhanças, mas, muito pelo contrário, alguns dos motivos que levam Kardec a construir sua doutrina visam, exatamente, o estudo dos processos que ocorrem nos corpos e seus componentes no momento do nascimento e no momento da morte, estudo esse que se encaixa no perfil do segundo invariante cultural proposto por GODELIER.

E por fim, o fator fundante da doutrina espírita, isto é, a característica que assenta toda a obra de KARDEC e que se encaixa ao primeiro invariante cultural de GODELIER, é o de que a morte não é o fim da vida, mas sim apenas uma etapa dela, assim como o nascimento.

Valéria TORRES, em sua recém-lançada pesquisa de doutoramento², nos aponta para o fato de que esse próprio questionamento lançado à GODELIER pode assim ser considerado como mais uma invariante sobre a morte, visto que na contemporaneidade as pessoas “vivem mais e não morrem de velhice, mas de uma gama de enfermidades, em sua maioria, decorrentes da idade avançada” (TORRES, 2018, p. 70).

O fato de viverem mais, aliado à forma na qual o assunto da morte se transformara em tabu, faz surgir o fenômeno da solidão entre as pessoas mais velhas, causando um verdadeiro

² “Diante da morte ainda não somos todos modernos: O ideário do Bem Morrer e o Ethos Católico no Brasil”, onde a autora faz um cuidadoso rastreamento histórico do Bem Morrer no Brasil, com base nos manuais escritos por padres jesuítas entre os séculos XVII, XVIII e XIX, em que é possível encontrar diretrizes fundamentais “para” a morte.

abandono de indivíduos em casas de repouso e asilos. Segundo Norbert ELIAS, muitos asilos se tornam “desertos de solidão” (ELIAS, 2001, p. 86), em função da retirada do indivíduo de sua vida normal, passando a interagir tão somente com estranhos, causando assim uma sensação terrível de isolamento.

O resultado desse afastamento da morte e dessa tensão entre a própria finitude com a finitude do outro se traduz em um silêncio tumular em torno de questões existenciais fundamentais para se obter uma completa noção do “Ser” humano. Valéria TORRES nos fornece informações quantitativas a este respeito (TORRES, 2018, p. 79 – 80), onde esse silêncio pode ser percebido logo a partir de uma simples apreensão dos dados, visto que, segundo demonstra a autora por meio de tabelas comparativas, entre os anos de 2007 e 2016, do total de 1307 teses e dissertações defendidas em Ciência da Religião no Brasil³, somente 27 abordaram o tema da morte.

Acreditamos que o presente artigo possa contribuir com o desenvolvimento deste tema, abrindo mais uma possibilidade de diálogo em relação à morte no âmbito da Ciência da Religião, sobretudo aos estudos ligados às Linguagens Religiosas, visto que o assunto da morte remonta à nossa mais fundamental condição que é a de “sermos mortais”. Sendo assim, a análise da morte pode contribuir para que melhor assimilamos a nossa existência, visto que, como dito pelo filósofo alemão Martin HEIDEGGER: “A morte, no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida” (HEIDEGGER, 2012, p. 681).

É importante frisar que, nesta pesquisa, não serão abordadas todas as características que compõe o complexo sistema de KARDEC ao que se refere à morte, e nem é a nossa intenção dar conta de cobrir todos os pontos de ligação entre um assunto e outro, já que a doutrina espírita se estrutura de forma que seus componentes apresentam-se de maneira interdependentes, tomando assim uma consistência “orgânica”, difícil de dissociar uma parte da outra, correndo o risco de tornar incompleto o estudo de uma parte isolada.

Portanto, optamos por abordar os assuntos ligados à morte na doutrina espírita nos debruçando em dois pontos principais. Primeiramente, tomamos o cuidado de definir muito bem quais assuntos caberiam em cada um dos três invariantes culturais de forma que dividimos a pesquisa em três itens principais, um para cada invariante. E por fim, buscamos

³ A autora fez esse levantamento a partir de sete universidades brasileiras, sendo elas: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Universidade Mackenzie.

estruturar os assuntos de forma didática e crescente, no sentido de que, para entender um ponto, é preciso primeiro a compreensão de um ponto anterior, o que nos levou a optar por certas subdivisões dentro de cada item principal, como o leitor perceberá mais a frente.

2) A morte não é o fim da vida

“O primeiro invariante é o postulado de que a morte não é o fim da vida, que a morte não se opõe à vida, mas ao nascimento, e que, ao se oporem, nascimento e morte estão ligados um ao outro, formam um sistema ou fazem parte de um sistema” (GODELIER, 2017, p. 35). No Espiritismo de KARDEC, esse talvez seja um dos pilares principais que sustentam a sua doutrina: a de que a morte não é o fim.

A morte se torna um acontecimento futuro inevitável a partir do nascimento ou, como se diz no provérbio: “Para morrer, basta estar vivo”. Vida e morte, popularmente, parecem se contrapor. O indivíduo nasce, envelhece e morre, e entre esses momentos deixa a sua marca no mundo. Eis a vida. E ao nos depararmos com a finitude de nossa existência, somos naturalmente levados às perguntas como “existe vida após a morte?” ou “a morte é o fim?”.

É nesse momento de dúvida e angústia que se destaca o papel da religião. Não são a Filosofia, a ciência moderna e tampouco o academicismo que vão suprir as lacunas criadas no íntimo do ser humano quando este se vir diante da imensidão do fato da morte, e sim a religião. É a religião que, de forma universal – mesmo que diferentes entre si – trará as explicações necessárias às dúvidas sobre a finitude. Como explicado por Maurice GODELIER:

Por serem representações totalizantes do universo e do lugar que os homens ocupam nele, somente as religiões têm essa capacidade de produzir significações, recebidas por todos aqueles e todas aquelas que as vivem não como verdades científicas, mas como verdades existenciais nas quais acreditam (GODELIER, 2017, p. 15).

No Espiritismo⁴ a preocupação com apenas uma vida não é um problema, visto que na doutrina de KARDEC a existência do indivíduo se dá na multiplicidade de vidas que este tem

⁴ Neste estudo trabalharemos somente a obra de Allan Kardec, conhecido entre os espíritas como o “codificador” da doutrina espírita. Apesar de muitos outros autores espíritas surgirem após Kardec, por vezes até mesmo contradizendo alguns pontos de sua obra, não iremos nos debruçar sobre estes outros escritos. Portanto, quando citarmos o “espiritismo”, a “doutrina espírita” ou a “doutrina de Kardec”, estaremos fazendo alusão direta à obra de Kardec.

de viver, isto é, todo o sistema kardecista está pautado no mecanismo de reencarnação. Em outras palavras, o indivíduo nasce, envelhece, morre e nasce novamente, constituindo dessa maneira um ciclo no qual vida e morte estão interligados, e não contrapostos. A morte é tão somente uma etapa de nossa existência, na qual teremos de vivenciar não apenas uma vez, mas muitas.

No entanto, para KARDEC essa mecânica não se apresenta meramente como um sistema, e sim como uma explicação definitiva. Dado o teor científico que constituem as suas obras, toda informação é testada e comprovada, porém, não por um método estatístico indutivo ou por um método dedutivo, mas sim pela observação dos fenômenos⁵ e pela comprovação direta dos espíritos desencarnados⁶, como dito no trecho a seguir:

A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não forma os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo (KARDEC, 2010, p. 27).

A morte passa a fazer parte do cotidiano, ela não mais assombra - ou não deveria - o indivíduo adepto dessa crença. A certeza que a morte é um tipo de renascimento transforma a angústia diante de sua inevitável chegada em ansiedade. Não uma ansiedade por morrer, mas uma ansiedade por conhecimento, por querer saber o que está além do túmulo. A espera pela morte passa a ter um novo tom.

2.1) O medo da morte

“Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada” (KARDEC, 2010, p. 28). É com essas palavras que KARDEC encerra o segundo capítulo, intitulado “Temor da morte”, de sua obra “O Céu e o Inferno”. O medo da morte não é mais aceitável, não é plausível.

⁵ Aqui por “fenômenos” deve-se compreender a crença na época de Kardec em que os espíritos dos mortos possuíam o poder de mover objetos inanimados, tal como os famosos relatos das “mesas girantes”, que ficaram muito conhecidos no século XIX e que teriam contribuído substancialmente para o estudo de Kardec.

⁶ Sobre a questão da “encarnação” e da “desencarnação”: serão abordados com mais detalhes no terceiro item desta pesquisa. Resumidamente, “desencarnação” é o nome que os espíritas dão à morte, ou seja, um espírito desencarnado seria um espírito de uma pessoa que já faleceu.

Porém, no geral, ainda que havendo uma crença no além-túmulo, as pessoas tendem a temer a morte. Ela se torna um tabu. A morte é temida talvez pelo fato de ser desconhecida. Além da morte do outro, não seremos capazes de experimentar nada mais próximo dela do que a nossa própria morte. Como diria BAUMAN em sua obra “Medo Líquido”: “A morte é a encarnação do desconhecido. E, entre todos os desconhecidos, é o único total e verdadeiramente incognoscível.” (BAUMAN, 2008, p. 45).

Já KARDEC possui uma visão oposta à de Bauman. Para o autor, o ser humano apresenta a noção de imortalidade de forma inata, isto é, ele já nasce com a intuição de que a morte não é o fim da vida (KARDEC, 2010, p. 21). Mas, se já intuímos a imortalidade desde sempre, por qual motivo tememos a morte?

Segundo KARDEC, esse temor é atribuído a duas fontes: ao que ele chama de “Providência”, isto é, um tipo de intervenção divina, e também ao instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ainda sobre o instinto de conservação, o autor prossegue dizendo que:

Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento (KARDEC, 2010, p. 21).

Podemos perceber, afinal, que a doutrina espírita de KARDEC possui, de plano de fundo, uma motivação “evolucionista”. Com “evolucionista” queremos dizer que, o que leva o indivíduo às resoluções propostas por KARDEC dentro de sua doutrina é sempre a questão da evolução. É possível entender essa tendência a partir do contexto histórico em que KARDEC estava inserido.

Marcel Souto MAIOR, em sua obra biográfica sobre Allan KARDEC, explica que tudo parecia possível em pleno século XIX, em meio a tantas criações e descobertas, e KARDEC, por sua vez, achava que a ciência ainda tinha muito que revelar (MAIOR, 2013, p. 21). Em pleno Iluminismo, não é fato espantoso que o espiritismo nascesse da vontade de se fazer ciência. Como o próprio KARDEC explica no item 14 de sua obra “A Gênese”: “Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental” (KARDEC, 2009, p. 28).

Os conceitos de “esclarecimento” e “evolução” são de suma importância para a compreensão dos fatores fundamentais que levam o indivíduo a temer a morte, agora que temos conhecimento das tendências ideológicas da época.

Em relação ao esclarecimento, este vem ligado à noção de compreensão. O indivíduo, primeiro, precisa compreender a vida futura, isto é, a imortalidade do espírito, para gradativamente fazer sumir o temor da morte (KARDEC, 2010, p. 22). O esclarecimento vem acompanhado da calma diante da finitude material, pois, sabendo que após essa existência faremos a passagem para outra e que, essa outra existência não nos colocará diante do fim absoluto, não há o que temer.

E de maneira sincrônica ao esclarecimento, a evolução acontece. Segundo KARDEC, “no Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real” (KARDEC, 2010, p. 22). O esclarecimento leva à evolução, que leva a mais esclarecimento, fazendo o indivíduo entender que a vida real é a que está além da morte.

Outra noção básica da doutrina kardecista necessária para a compreensão de toda sua estrutura é o conceito de “missão”. Cada indivíduo vivo possui uma “missão” pessoal que precisa ser cumprida durante a sua existência. Sobre como o temor da morte influencia essa “missão”, voltemos ao trecho no texto em que KARDEC diz: “(...) sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento” (KARDEC, 2010, p. 21).

Portanto, o medo da morte não apenas se apresenta como um sintoma da baixa evolução do indivíduo, como também serve de “freio” para que este não deixe para trás a sua missão e viva apenas esperando o momento da morte. Podemos concluir, então, que todos os detalhes vão acontecendo de forma dosada ao passo que vão se estruturando ao mesmo tempo em direção à evolução, isto é, todas as peças se encaixam conforme seu tempo.

3) Morte: disjunção do corpo orgânico; separação do *princípio vital*

“O segundo invariante é o de que o nascimento seria a conjunção de diversos componentes do indivíduo, e que a morte consistiria na disjunção desses elementos.” (GODELIER, 2017, p. 35).

Há algo que anima o nosso corpo material que, com a chegada da morte, deixa a matéria para apodrecer e parte para uma nova existência. O que é esse algo? Como Allan KARDEC enxerga esse fenômeno, que segundo GODELIER, é comum em todas as religiões?

O capítulo IV do primeiro livro da obra “O Livro dos Espíritos” é voltado especificamente para tratar sobre o assunto. Os tópicos abordados nessa parte da obra são, em ordem: “Seres orgânicos e inorgânicos”, “A vida e a morte” e, por fim, “Inteligência e instinto”. Vamos nos ocupar aqui somente dos dois primeiros itens, que mais se aproximam do problema proposto.

3.1) Sobre o corpo orgânico e o princípio vital

Até aqui, já temos a ideia de que o corpo, para KARDEC, não se constitui tão somente de material biológico. O corpo biológico, como bem sabemos, é constituído, primeiramente por átomos e moléculas. A união entre as moléculas forma as células, que por sua vez, vão formar os tecidos. Um nível mais acima estão os órgãos que, unidos, formam os diferentes sistemas do corpo, como o sistema digestivo e o sistema respiratório, por exemplo. E então, finalmente, a junção de todos esses sistemas formará ao que chamamos de “organismo”.

No início do capítulo IV, intitulado “Princípio Vital”, em sua obra “O Livro dos Espíritos”, KARDEC expõe sua definição de “seres orgânicos” fazendo a distinção entre estes e o que ele vai chamar de “seres inorgânicos”:

Os seres orgânicos são aqueles que têm, em si mesmos, uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Eles nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São dotados de órgãos especiais para realizarem os diferentes atos da vida e que são apropriados às suas necessidades de conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não têm vitalidade, nem movimento próprio e não se formam senão pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc (KARDEC, 2009, p. 51).

O ser humano, por sua vez, se encontra dentro do primeiro grupo, o dos seres orgânicos. No entanto, durante a pesquisa, foi possível constatar que as leis naturais que vão agir sobre os seres são as mesmas, salvo algumas distinções que serão feitas mais à frente. Neste ponto, o que nos interessa é entender quais são essas leis e como elas agem nos seres, para mais à frente falarmos especificamente sobre as causas da morte.

No capítulo IV do livro primeiro da obra “O Livro dos Espíritos” é onde KARDEC fará toda a exposição acerca da relação dos corpos matérias com o chamado “princípio vital”. Essa exposição se estrutura na forma de perguntas e respostas, como visto a seguir no primeiro item do capítulo em que se aborda o emprego da “lei da atração” na matéria:

60 – É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos corpos inorgânicos?

- Sim, a lei de atração é a mesma para tudo (KARDEC, 2009, p. 51)⁷.

Ainda que diferentes, os seres orgânicos e inorgânicos, como dito anteriormente, parecem estar expostos às mesmas leis. Uma dessas leis é a “lei de atração” que, segundo KARDEC, é uma das leis inerentes (ao lado das leis de gravidade, coesão, afinidade, magnetismo e eletricidade ativa) a um fluido primitivo chamado éter, que é o fluido gerador do mundo e dos seres (KARDEC, 2009, p. 129).

Mais à frente, KARDEC dá sequência ao seu método de perguntas e respostas de forma a estruturar passo a passo e de maneira didática cada informação sobre as influências a que estão submetidos os seres. Após explicar que a lei de atração é a mesma para todos os seres, sejam eles orgânicos ou inorgânicos, o próximo tópico é destinado à matéria de que são feitos os corpos:

61 – Existe alguma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e aquela dos corpos inorgânicos?

- A matéria é sempre a mesma, porém, nos corpos orgânicos, está animalizada (KARDEC, 2009, p. 51).

A partir do tópico 61, a atenção se volta aos seres orgânicos, grupo a que os seres humanos estão inseridos e que, na realidade, vem a ser a principal preocupação de Kardec nesta obra. Aparentemente, segundo o estudo feito até aqui, seres orgânicos e inorgânicos, apesar de serem constituídos da mesma matéria, ainda que possuindo estruturas diferentes entre si, possuem uma diferença primordial que faz com que os seres orgânicos possuam um tipo de dinâmica única entre os demais seres. Essa diferença está na “animalização” dos corpos orgânicos.

⁷ Apesar da citação não atingir um número superior a três linhas, achamos por bem destacarmos o trecho fora do texto para, dessa maneira, mantermos a estética da estrutura de “perguntas e respostas”, de forma que o entendimento fique mais fácil ao leitor.

Vejam, então, os tópicos em que são abordados a causa da animalização da matéria e como essa se constitui:

62 – Qual é a causa da animalização da matéria?

- Sua união com o princípio vital

63 – O princípio vital reside num agente particular ou não é mais que uma propriedade da matéria organizada; numa palavra, é um efeito ou uma causa?

- É uma e outra coisa. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria; esse agente sem a matéria não é a vida, da mesma forma que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam (KARDEC, 2009, p. 51).

Pode-se dizer, então, que o Princípio Vital é a causa primária que dá vida e animaliza os seres orgânicos. Por Princípio Vital podemos dizer que, este, enquanto força motriz dos corpos orgânicos (KARDEC, 2009, p. 52), estende-se não só entre os seres humanos, como também a outras espécies. Isto é, o Princípio Vital é o que faz os corpos orgânicos se moverem.

Ainda em relação ao Princípio Vital, é possível dizer que este, além de ser a causa do movimento dos corpos orgânicos, também é o que liga o espírito e a matéria, ou seja, é importante não confundir o Princípio Vital com o Espírito, pois este último também depende do primeiro para agir. Segundo KARDEC, o Princípio Vital age como intermediário entre o espírito e a matéria, como um elo entre os dois (KARDEC, 2009, p. 52).

O Princípio Vital, diferentemente do Espírito, está ligado à vitalidade do próprio corpo orgânico, ou seja, às questões materiais dos seres, agindo diretamente nos órgãos internos, dando funcionalidade a eles. Nas palavras de Kardec: “O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe estímulo da atividade íntima ou princípio vital que existe neles” (KARDEC, 2009, p. 52).

A partir do momento em que o Princípio Vital começa a agir sobre os órgãos, este também passa a ser estimulado e desenvolvido pelo próprio funcionamento orgânico. A título de exemplo, KARDEC compara a ação de um sobre o outro com o atrito que gera o calor (KARDEC, 2009, p. 52).

3.2 A causa da morte entre os seres orgânicos

Neste tópico trataremos das causas da morte entre os seres orgânicos. Por causas da morte, entende-se aquilo que deixa o corpo em estado de incompletude vital, levando o mesmo à morte, enquanto o espírito permanece vivo. Em relação ao espírito, traremos informações mais aprofundadas na terceira e última parte deste artigo.

Ao que concerne o fenômeno da morte no espiritismo, KARDEC explica:

68 – Qual a causa da morte entre os seres orgânicos?

- O esgotamento dos órgãos.

- Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de determinada máquina desorganizada?

- Sim; se a máquina está mal montada, a atividade cessa; se o corpo adoece, a vida se extingue (KARDEC, 2009, p. 52).

Podemos constatar, segundo o item 68, que KARDEC compara o corpo a um mecanismo complexo, tal qual uma máquina, talvez por motivos didáticos, e que essa máquina está entregue a eventuais falhas em função de seu mau funcionamento. Esse mau funcionamento advém dos malefícios que podem atingir as “engrenagens”, isto é, os órgãos do corpo, fazendo-o parar ou, em outras palavras, morrer.

Em resumo, o corpo orgânico apresenta uma harmonia entre seus órgãos, cada qual agindo para aquilo que fora desenvolvido, uns agindo sobre os outros. Quando um órgão falha ou apresenta qualquer tipo de problema, os outros também serão afetados. Enquanto que, aquilo que age de forma mais sutil sobre os órgãos é justamente o Princípio Vital.

Da falha, isto é, do mau funcionamento dos órgãos é que se inicia o processo de “disjunção” do corpo ou, em outras palavras, o processo de morte. A morte, segundo KARDEC, pode ser comparada a um aparelho elétrico, que cessa suas atividades ao parar de conduzir eletricidade, ou seja, passa do estado latente ao estado de inércia (KARDEC, 2009, p. 53). É dessa passagem do estado latente ao estado de inércia que o Princípio Vital se separa do corpo orgânico.

No que diz respeito ao que acontece após a separação do Princípio Vital do corpo orgânico, KARDEC explica no item 70, ainda do Livro primeiro, que:

70 – Em que resultam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?

- A matéria inerte se decompõe e toma nova forma; o princípio vital retorna à massa.

Morrendo, o ser orgânico, os elementos que o compõem experimentam novas combinações que formam novos seres, os quais tiram da fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam para devolvê-lo à mesma fonte, quando deixarem de existir (KARDEC, 2009, p.52).

Portanto, fica claro que no sistema de KARDEC a vida e a morte fazem parte de um ciclo lógico, no qual há uma fonte universal de energia que, ao ser empregada no corpo orgânico é chamada de Princípio Vital, ou seja, é o fator principal que faz o corpo orgânico funcionar. Há vida enquanto os órgãos do corpo funcionam em harmonia entre si. A partir do momento em que algum órgão para de funcionar, seja por estar destruído ou por estar profundamente alterado de seu estado normal, o Princípio Vital se torna insuficiente para manter a ordem entre os órgãos e, dessa maneira, o corpo morre (KARDEC, 2009, p. 53). Ao morrer, o corpo divide-se em matéria inerte fadada à decomposição e o Princípio Vital, que retorna para a fonte universal de onde veio. E o ciclo se repete.

4) O corpo morre: permanece o espírito

“O terceiro invariante é o de que entre os elementos unidos no nascimento e separados na morte existe sempre um ou vários que sobrevivem e que irão começar uma nova forma de existência.” (GODELIER, 2017, p. 35). Terceiro e último invariante, segundo GODELIER, é o de que depois da morte “algo” permanece vivo. Na doutrina espírita de KARDEC, essa invariante se encaixa perfeitamente bem, já que a ideia de “vida após a morte” está presente como um dos pilares principais de sua estrutura teórica.

Neste item serão trabalhados, sobretudo, os capítulos II e III do livro segundo da obra “O Livro dos Espíritos”, onde são apresentadas as definições de Alma, Espírito e Perispírito e como esses conceitos estão ligados à vida após a morte. É importante lembrarmos brevemente que, no espiritismo de KARDEC, a vida e a morte são partes de um mesmo ciclo e estão ligadas por aquilo que se chama “encarnação”.

4.1) A encarnação e a reencarnação

Para seguirmos adiante com a explicação da Alma, do Espírito e do Perispírito, achamos necessário, primeiramente, fazer uma breve exposição sobre o conceito de “encarnação”, pois, dessa maneira, o leitor ficará mais ambientado com as estruturas prévias que levam ao melhor entendimento de estruturas e conceitos mais complexos da própria doutrina espírita.

Sobre a encarnação, é possível afirmar que esta compreende o estado do ser humano em que ele, isto é, o seu Espírito, se encontra ocupando um corpo orgânico material. Em outras palavras, ele está vivo (KARDEC, 2009, p. 72).

A encarnação do Espírito, segundo KARDEC, está ligada não só ao simples desfrute da vida material, mas pelo contrário, para algumas pessoas, essa é vista como uma forma de expiação. Ainda que, aparentemente, essa visão seja um tanto negativa, já que a lei natural nos forçaria a permanecemos na vida material, cheia de dor e sofrimento, enquanto o mundo além da vida e da morte seria o local onde encontraríamos a verdade e a paz, KARDEC explica que o real objetivo da encarnação é o caminho que Deus teria nos dado para atingirmos a perfeição (KARDEC, 2009, p. 71).

Também há a questão de que a encarnação seria um meio de cumprirmos a nossa missão diante de Deus. Sobre esse tema, KARDEC explica que:

A encarnação tem também outro objetivo que é o de colocar o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação. Para realiza-la é que, em cada mundo, ele toma um aparelho em harmonia com a matéria essencial desse mundo, cumprindo aí, daquele ponto de visto, as ordens de Deus, de tal sorte que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta (KARDEC, 2009, p. 71).

E o que podemos afirmar sobre a reencarnação? A reencarnação é o processo de nascer novamente, isto é, o mesmo Espírito habitar um outro corpo orgânico material em uma nova vida, uma nova existência. Essa nova existência trará para o Espírito a chance de evoluir mais, conforme as leis morais do Espiritismo, ainda que este não tenha consciência de suas vidas passadas. Esse processo pode se repetir inúmeras vezes, até que o Espírito se torne um “Espírito puro” (KARDEC, 2009, p. 83).

Como justificativa para o processo de reencarnação, KARDEC defende que “Um bom pai deixa sempre aos seus filhos uma porta aberta ao arrependimento” (KARDEC, 2009, p. 83). Portanto, o sistema de reencarnação está ligado, também, à ideia de que o Espírito deve

se arrepender dos atos ruins que cometeu durante a sua existência. Na doutrina espírita, o arrependimento faz parte da evolução do Espírito, tal qual o perdão. Isso porque, segundo KARDEC, todos os Espíritos tendem à perfeição, e a reencarnação é a forma que Deus presenteou os Espíritos para que estes fossem julgados de forma justa (KARDEC, 2009, p. 83).

Por fim, explica KARDEC que, se o destino do homem estivesse fixado de forma definitiva após a morte, Deus não teria sido justo ao pesar as ações de cada um, ao passo que cada Espírito obteve experiências e entendimentos diferentes entre si enquanto encarnados. E encerra esse assunto específico dizendo: “qual é aquele que, no fim de seu caminho não lamenta ter adquirido muita tarde uma experiência que não pode mais aproveitar? Essa experiência tardia não ficará perdida; ele [o Espírito] a aproveitará numa nova existência” (KARDEC, 2009, p. 83).

4.2) Alma, Espírito e Perispírito

Agora que nos familiarizamos com o sistema de encarnação e reencarnação, podemos dar continuidade ao nosso estudo. Sobre a encarnação, foi dito que esse é o processo em que o Espírito passa a habitar um corpo orgânico material. No entanto, há um outro termo utilizado pela doutrina espírita para designar um Espírito encarnado: “Alma”. Portanto, o Espírito, enquanto encarnado, passa a ter o status de Alma (KARDEC, 2009, p. 72).

Sobre o Espírito, pode-se dizer que ele é o princípio inteligente que dá ao ser humano o senso moral e a faculdade de pensar (KARDEC, 2016, p. 38), assim como é o Princípio Vital que nos dá a energia necessária para fazer o corpo material funcionar, com a diferença de que o Espírito é completamente independente da matéria (KARDEC, 2016, p. 38).

Além do corpo orgânico material e a alma, ainda há um terceiro elemento que constitui o ser humano. A este elemento é dada a função de “ligar” a alma ao corpo, isto é, intermediar as duas coisas. Essa ligação é chamada de “perispírito” (KARDEC, 2009, p. 72). Vejamos esse esquema de forma mais detalhada nas palavras de KARDEC:

O homem é formado, assim, de três partes essenciais:

- 1º - O corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo princípio vital;
- 2º - A alma, Espírito encarnado, do qual o corpo é habitação;

3º - O princípio intermediário ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. São, como num fruto, o germe, o perisperma e a casca (KARDEC, 2009, p. 72).

Segundo KARDEC, por ser um elemento próprio e constitutivo do ser humano, o perispírito possui uma participação importante nos fenômenos psicológicos e até mesmo nos fenômenos fisiológicos deste (KARDEC, 2016, p. 49). O perispírito, portanto, não representa tão somente uma ligação entre o plano material e o plano espiritual, mas, além disso, ele se apresenta como parte fundamental do ser humano, isto é, ele participa do conjunto de características específicas que faz o humano ser humano.

Passando adiante, sabendo que, para a doutrina espírita de KARDEC, existe um elemento chamado “perispírito”, que liga o corpo à alma, e que esse elemento é tão fundamental ao ser humano que pode influenciar diretamente nas questões psicológicas e fisiológicas deste, naturalmente, a próxima dúvida que nos surge é: quais as características do perispírito?

Como primeira característica do perispírito, podemos dizer que este é constituído de uma substância provinda do que KARDEC vai chamar de “fluido universal”. Sua natureza é etérea⁸, mas essa característica pode variar de acordo com o grau de depuração, isto é, com o grau de pureza de cada espírito (KARDEC, 2016, p. 48).

O perispírito, segundo KARDEC, é invisível em seu estado normal, porém, como outros fluidos invisíveis presentes na natureza, pode sofrer modificações que o tornam perceptíveis aos nossos olhos (KARDEC, 2016, p. 50).

Outra propriedade do perispírito que teria ligação com sua natureza etérea é o que KARDEC vai chamar de “penetrabilidade”, isto é, o perispírito não é limitado por nenhum obstáculo material, podendo atravessar qualquer tipo de objeto que o ser humano “encarnado” não teria a capacidade de fazê-lo (KARDEC, 2016, p. 50).

Ainda sobre sua natureza fluídica, pode-se dizer que, para KARDEC, o perispírito, assim como ocorre em relação aos obstáculos materiais, não é limitado pelo corpo material, pois este é expansível, de forma que sua dilatação pode variar de acordo com o pensamento e a força de vontade imposta pelo indivíduo (KARDEC, 2016, p.48).

⁸ Por “etéreo” compreende-se aquilo que é de natureza não material, que não pode ser acessado pelos nossos sentidos.

Sobre a relação do perispírito com o corpo material, KARDEC diz que:

O perispírito serve de intermediário entre o Espírito e o corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Em relação às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa (KARDEC, 2016, p. 48).

Sendo assim, conforme visto no trecho acima, é possível afirmar que o perispírito participa, também, dos processos cognitivos do ser humano, servindo de ferramenta epistêmica, ou seja, intermediando as apreensões da matéria, levando estas ao Espírito, que fica responsável pelo entendimento do dado que foi recebido.

E por fim, diz KARDEC que “o perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte” (KARDEC, 2010, p. 180). O perispírito, então, estaria ligado ao espírito, independente do estágio de existência que este estivesse inserido, inclusive apresentando participação fundamental no que concerne ao desencarne da alma, isto é, a morte do corpo material, como visto no trecho a seguir:

O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado à uma molécula do corpo. A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento (KARDEC, 2010, p. 180).

Tendo sido investigados os pontos de interesse sobre o espírito, a alma e o perispírito, nos levando a uma melhor compreensão e ambientação do sistema kardecista no que concerne ao funcionamento destas estruturas, podemos prosseguir para o item que encerra esse estudo, que trata das perspectivas além da morte, segundo KARDEC.

4.3) A Alma depois da Morte

Para dar início a este último item da nossa pesquisa, voltemos às questões que envolvem a alma e o perispírito. Vimos que, segundo KARDEC, após o falecimento dos órgãos do corpo material, a alma, encarnada, se desliga do corpo, deixando-o para trás junto de todo sofrimento próprio deste mundo. É a partir deste ponto que daremos prosseguimento

ao nosso estudo, reproduzindo a seguinte pergunta feita por KARDEC: “Em que se torna a alma no instante da morte?” (KARDEC, 2009, p. 77), ao que se segue a seguinte resposta: “Volta a ser Espírito, quer dizer, retorna ao mundo dos Espíritos, que deixou momentaneamente” (KARDEC, 2009, p. 77).

Uma questão fundamental abordada por Kardec a respeito do que aconteceria à alma depois da morte é se, depois de desencarnada, a alma manteria a sua individualidade. Ainda a este respeito, KARDEC aponta críticas ao sistema de crenças em que, depois da morte, o espírito retornaria ao que ele chama de “todo universal”, perdendo, dessa maneira, a sua individualidade (KARDEC, 2009, p. 77).

Vejamos um trecho da obra “O Livro dos Espíritos” em que KARDEC explicita essa discussão:

150 – A alma depois da morte conserva a sua individualidade?

- Sim, não a perde jamais. Que seria ela se não a conservasse?

- Não tendo mais seu corpo material, como a alma constata a sua individualidade?

- Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, tomado da atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito (KARDEC, 2009, p. 77).

A partir deste trecho, é possível extrair ao menos mais duas informações acerca do perispírito: a de que a substância na qual é feita o perispírito é retirada diretamente da atmosfera do planeta em que está inserido o indivíduo e, por fim, que é o perispírito que dá a noção de individualidade ao espírito desencarnado. Além desses dados, ainda outro detalhe deve ser ressaltado, o de que, mesmo após a morte, o espírito teria a mesma aparência de quando ainda estava vivo, também em função de seu perispírito.

Outro ponto importante que deve ser alvo de nossas atenções é a questão do estado em que se encontra o espírito após o seu desencarne. Segundo KARDEC, ao se desligar do corpo material, a alma se encontra em um estado de felicidade ou infelicidade segundo aquilo que tenha feito enquanto encarnada, ou seja, se fez o bem, estará feliz e, por outro lado, se fez o mal, estará infeliz (KARDEC, 2016, p. 40). E toda essa estrutura estaria fundamentada, para KARDEC, na crença na justiça divina, pois, segundo o próprio autor, “desde que se admita

um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham toda a mesma sorte” (KARDEC, 2016, p. 40).

Mas afinal, para KARDEC, os espíritos reencarnam imediatamente após o seu desencarne? Isto é, após a morte, o ciclo de existências tem a sua sequência interrompida de alguma forma ou se dá uma continuidade ininterrupta às sequências de reencarnações? A esta questão, KARDEC responde da seguinte maneira:

Algumas vezes reencarna imediatamente; porém, com mais frequência, depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é, quase sempre, imediata; a matéria corporal sendo menos grosseira, o Espírito encarnado goza aí de quase todas as suas faculdades de Espírito (...) (KARDEC, 2009, p. 104).

Portanto, este é outro dado que reforça a ideia de uma “escala hierárquica” de espíritos, onde se tem espíritos menos e mais evoluídos, segundo as suas ações enquanto encarnados. E dentre os espíritos, quanto maior o seu grau de evolução, menor é o seu apego ao mundo material, e maior é a facilidade de encarnar novamente, sem precisar passar tanto tempo pelo estado que KARDEC vai chamar de “erraticidade” (KARDEC, 2009, p. 104).

Sobre os graus em que se encontram os espíritos, KARDEC os divide em três grupos: os espíritos encarnados, que são aqueles que se encontram unidos a um corpo material; os espíritos errantes, que são aqueles que estão livres de seu corpo material e esperam pela nova oportunidade de reencarnar; e os espíritos puros, que são aqueles que atingiram a perfeição e não precisam mais passar pelo sistema de encarnações (KARDEC, 2009, p.105).

Porém, mesmo os espíritos errantes podem estar em qualquer grau de evolução (KARDEC, 2009, p. 105), pois, como dito anteriormente, o espírito permanece na “erraticidade” o tempo que for de acordo com sua depuração.

Durante o período de “erraticidade”, o espírito, segundo Kardec, passa a se alojar em algum dos que ele vai chamar de “mundos transitórios” (KARDEC, 2009, p. 106). Esses mundos seriam locais em que o espírito em estado de “erraticidade” poderia repousar, com o tempo variando de acordo com a duração em que o mesmo ficará errante, isto é, desencarnado (KARDEC, 2009, p. 106).

Por fim, sobre a natureza e localização desses mundos, KARDEC explica que “são posições intermediárias entre os outros mundos, graduados de acordo com a natureza dos

Espíritos que podem alcança-los, e nele gozam de um bem-estar maior ou menor” (KARDEC, 2009, p. 106). Portanto, também os “mundos transitórios” são regidos de forma semelhante à lógica que rege os espíritos ou, em outras palavras, os “mundos transitórios” estão localizados e são habitados conforme o grau de depuração dos espíritos errantes que neles transitam.

5) Considerações Finais

Por meio dessa pesquisa pudemos constatar que o sistema de invariantes culturais proposto por Maurice GODELIER pode ser aplicado a tantas outras religiões no que se refere ao estudo de como cada uma delas enxergava ou enxerga a morte. Neste estudo tentamos demonstrar de forma sucinta, mas não superficial como essas invariantes se encaixam ao modelo “reencarnacionista” proposto por Allan KARDEC em sua doutrina espírita.

Acreditamos que, assim como visto a partir do Espiritismo, poderíamos utilizar o modelo de GODELIER como uma importante ferramenta no estudo de outras religiões que não foram abordadas na obra “Sobre a Morte”, como por exemplo, as religiões de matrizes africanas ou também as religiões pagãs pré-cristãs com a sua gama de deuses e deusas e múltiplos recortes culturais.

Como já fora dito na introdução, esperamos que por meio deste artigo tenhamos auxiliado o tema da morte a ganhar mais corpo no meio acadêmico, visto que tão poucas são as pesquisas que trabalham a finitude do ser humano. Também acreditamos ser de plena importância o estudo da doutrina espírita de Allan KARDEC no âmbito da Ciência da Religião, que por sua vez, também sofre com a escassez de estudos voltados estritamente a esta tradição.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GODELIER, Maurice (Org.). *Sobre a morte: invariantes culturais e práticas sociais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

_____. *O céu e o inferno, ou, A Justiça Divina segundo o espiritismo: exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

_____. *O livro dos espíritos*. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2009.

_____. *O livro dos médiuns, ou, o Guia dos médiuns e evocadores: espiritismo experimental*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

_____. *Obras póstumas*. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2016.

MAIOR, Marcel Souto. *Kardec: a biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2013

TORRES, Valéria A. R. *Diante da morte ainda não somos todos modernos: o ideário do Bem Morrer e o Ethos Católico no Brasil*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

Leitura de apoio:

BOZZANO, Ernesto. *A crise da morte: segundo o depoimento dos Espíritos que se comunicam*. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2015.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano primeiro*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

_____. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano segundo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

PIRES, J. Herculano. *Educação para a morte*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 2016.

VILHENA, Maria Angela. *Espiritismos: limiares entre a vida e a morte*. São Paulo: Paulinas, 2008.